

Elizabeth Strout

A segunda vida de Olive Kitteridge



Detido

Num sábado de Junho, ao início da tarde, Jack Kennison pôs os óculos escuros, sentou-se ao volante do seu automóvel desportivo, com a capota aberta, passou o cinto de segurança por cima do ombro e da grande barriga, e rumou a Portland – a quase uma hora de distância –, para comprar uma garrafa de quatro litros de uísque, sem correr o risco de esbarrar em Olive Kitteridge na mercearia ali de Crosby, no Maine. Nem com aquela outra mulher que vira duas vezes na loja e que se pusera a falar sobre o tempo, enquanto ele esperava de pé, agarrado à sua garrafa de uísque. O tempo, francamente! Essa fulana – não se lembrava do nome dela – também era viúva.

Enquanto conduzia, uma sensação quase de calma alagou-o e, assim que chegou a Portland, estacionou e caminhou à beira da água. O Verão revelara-se e, embora ainda estivesse fresco em meados de Junho, via-se um céu azul e gaivotas a voarem por cima das docas. Havia pessoas nos passeios, muitas delas jovens com crianças ou carrinhos de bebé, e pareciam conversar todas umas com as outras. Esse pormenor impressionou-o. A facilidade com que tomavam aquilo como um dado adquirido, estarem umas com as outras, conversarem! Teve a sensação de que ninguém olhou sequer para ele e apercebeu-se do que já sabia – só que, agora, o atingiu de maneira diferente –, que não passava de um velho com uma pança desleixada e em nada digno de nota. Era uma sensação libertadora, ou quase. Durante muitos anos, foi um homem alto e atraente, sem barriga, que se passeava pelo recinto

universitário de Harvard, e, nessa altura, as pessoas olhavam para ele, durante todos esses anos viu alunos olharem-no com deferência, e as mulheres, também, as mulheres olhavam para ele. Nas reuniões do departamento, era uma figura intimidante; foram os colegas que lho disseram e ele sabia que era verdade, porque o fazia intencionalmente. Agora, deambulando num dos molhes onde tinham construído prédios de habitação, pensou que talvez devesse mudar-se para ali, rodeado de água por todos os lados, e de pessoas. Tirou o telemóvel do bolso, olhou para ele e voltou a guardá-lo. Era com a filha que queria falar.

Um casal saiu de um dos apartamentos; eram ambos da sua idade, o homem também tinha barriga, embora não tão grande como a de Jack, e a mulher parecia preocupada, mas a maneira como se comportavam fê-lo pensar que estavam casados há anos. Ouviu a mulher dizer «Já acabou», o homem respondeu qualquer coisa e a mulher insistiu «Não, acabou mesmo». Passaram por ele (sem reparar na sua presença) e, quando Jack se virou para os observar, um instante depois, ficou surpreendido – ligeiramente – ao ver que a mulher enfiara o braço no do homem, enquanto caminhavam ao longo do molhe em direcção à cidadezinha.

Jack postou-se ao fundo do paredão, contemplando o mar; olhou para um lado e, depois, para o outro. Os carneirinhos sucediam-se, formados por uma brisa que ele só sentiu nesse momento. Era ali que atracava o *ferry* vindo da Nova Escócia, ele e Betsy tinham-no apanhado, uma vez, e passado três noites na Nova Escócia. Tentou lembrar-se se Betsy enfiara o braço no seu; talvez o tivesse feito. Portanto, agora, a sua mente carregava uma imagem deles os dois a saírem do *ferry*, o braço da sua mulher enfiado no seu...

Deu meia-volta para se ir embora.

– Estúpido. – Disse a palavra em voz alta e viu um menino perto de si virar-se e fitá-lo, sobressaltado. Ou seja, ele, Jack Kennison, com os seus dois doutoramentos, transformara-se num velho que falava sozinho num molhe em Portland, no Maine, e não conseguia perceber como é que isso acontecera. – Uau. – Também exclamou em voz alta, tendo deixado o menino para trás. Havia uns bancos e ele sentou-se num deles, vazio. Pegou no telemóvel e ligou à filha; ainda não era meio-dia em São Francisco, onde ela morava. Ficou surpreendido quando ela atendeu.

– Pai? Estás bem?

Ele olhou para o céu.

– Oh, Cassie – respondeu –, estava só a pensar no que era feito de ti.

– Está tudo bem, pai.

– Ah, ainda bem. Que bom. É bom ouvir isso.

Seguiu-se um momento de silêncio e, então, ela disse:

– Onde é que estás?

– Ah. Estou nas docas, em Portland.

– Porquê? – perguntou ela.

– Apeteceu-me vir a Portland. Sabes como é, só para sair de casa. – Jack semicerrou os olhos na direcção do mar.

Outro silêncio. E, então, ela disse:

– Está bem.

– Ouve, Cassie – começou Jack. – Queria só dizer que sei que sou um merdas. Eu sei. Só para que saibas. Eu sei que sou um merdas.

– Papá – disse ela. – Então, papá? Que queres que eu diga?

– Nada – respondeu ele, assentindo. – Não há nada a dizer. Queria só que soubesses que eu sei.

Seguiu-se outro silêncio, desta vez mais longo, e ele sentiu medo.

– Isto vem a propósito da maneira como me trataste, ou do caso que tiveste durante anos com a Elaine Croft?

Ele baixou os olhos para as tábuas do molhe, viu as suas sapatilhas pretas de velho nas pranchas rugosas.

– Ambos – disse ele. – Ou um dos dois, escolhe tu.

– Oh, papá – redarguiu ela. – Oh, papá, não sei o que fazer. O que é que esperas que eu faça por ti?

Ele abanou a cabeça.

– Nada, miúda. Não espero que faças nada por mim. Queria só ouvir a tua voz.

– Pai, nós estávamos de saída.

– Ah, sim? Onde vão?

– Ao mercado. É sábado e costumamos ir ao mercado ao sábado.

– Está bem – disse Jack. – Vão lá. Não te preocupes. Falamos noutra altura. Adeus.

Ele teve a sensação de a ouvir suspirar.

– Está bem – respondeu ela. – Adeus.

E pronto! Assunto encerrado.

Jack sentou-se no banco durante muito tempo. Passaram pessoas, ou talvez não tenha passado ninguém durante uns momentos, mas, na sua cabeça, ele continuou a pensar na sua mulher Betsy e teve vontade de uivar. Só percebia uma coisa: merecia aquilo tudo. Merecia o facto de, nesse preciso momento, ter de usar um penso absorvente na roupa interior, por causa da operação à próstata, *merecia-o*. Merecia que a filha não lhe quisesse falar, porque, durante anos, ele não quisera falar com ela: era lésbica; era lésbica e isso ainda fazia com que uma pequena onda de constrangimento o percorresse de cima a baixo. Betsy, porém, é que não merecia estar morta. Ele merecia estar morto, mas Betsy não merecia esse estatuto. E, no entanto, sentiu uma súbita fúria contra a mulher.

– Oh, minha Nossa Senhora – murmurou.

Foi Betty que se mostrou furiosa, quando estava a morrer. Disse: «Odeio-te.» E ele respondeu: «Não te recrimino por isso.» Ela irritou-se: «Oh, cala-te.» Mas Jack falara

a sério: como podia ele recriminá-la? Não podia. E a última coisa que ela lhe disse foi: «Odeio-te, porque eu vou morrer e tu, não.»

Levantando os olhos para uma gaivota, pensou: Mas isto não é viver, Betsy. Que piada de mau gosto tem sido a sua vida.

*

O bar do Hotel Regency situava-se na cave, as paredes eram verde-escuras e as janelas davam para os passeios, mas os passeios ficavam no cimo das janelas e, no geral, ele só conseguia ver pés e pernas a passar. Sentou-se ao balcão e pediu um uísque puro. O *barman* era um tipo simpático.

– Bem – respondeu Jack, quando o rapaz lhe perguntou como estava.

– Ótimo – retorquiu o *barman*; tinha olhos pequenos, e eram escuros, como o cabelo meio comprido. Enquanto ele lhe servia uma bebida, Jack reparou que o tipo era mais velho do que parecia à primeira vista, embora, ultimamente, Jack tivesse dificuldade em discernir a idade das pessoas, sobretudo dos jovens. E, então, pensou: E se eu tivesse tido um filho? Perguntara-se isso tantas vezes na vida, que ainda se surpreendia por continuar com essa dúvida. E se não se tivesse casado com Betsy como fizera, na ressaca de uma relação falhada? Ele estava numa ressaca e ela também, daquele fulano, Tom Groger, que ela tanto adorara na faculdade. E, então, como teria sido? Perturbado, mas sentindo-se melhor – estava na presença de uma pessoa, o *barman* –, Jack estendeu estes pensamentos diante de si, como uma grande peça de tecido. Percebeu que era um velho de setenta e quatro anos, que contempla a vida que deixou para trás e se espanta por ela se ter desenrolado como desenrolou, que se arrepende, de uma maneira insuportável, de todos os erros que cometeu.

E, depois, pensou: Como é que se leva uma vida honesta?

Não era a primeira vez que se interrogava acerca disso; mas, naquele dia, parecia-lhe diferente, sentia-se distante da dúvida, e interrogou-se genuinamente.

– E então, o que é que o traz a Portland? – perguntou o *barman*, enquanto limpava o balcão com um pano.

– Nada – disse Jack.

O rapaz levantou os olhos para ele, virou-se ligeiramente para limpar a outra ponta do balcão.

– Precisava de sair de casa – explicou Jack. – Vivo em Crosby.

– É uma vila simpática, Crosby.

– Pois é. – Jack bebericou o uísque, pousou o copo com cuidado. – A minha mulher morreu há sete meses – disse.

O rapaz olhou para ele outra vez, afastando o cabelo dos olhos.

– Desculpe? O que é que disse...?

– Disse que a minha mulher morreu há sete meses.

– Que chatice – respondeu o rapaz. – Deve ser difícil.

– É. É difícil, sim.

A expressão do jovem não se alterou, quando disse:

– O meu pai morreu há um ano e a minha mãe tem estado bem, mas sei que foi duro para ela.

– Claro. – Jack hesitou e, depois, disse: – E para si?

– Oh, é triste. Mas ele já estava doente há uns tempos, sabe como é...

Jack sentiu o habitual ardume que o queimava por dentro, por exemplo quando a tal viúva falava sobre o tempo na mercearia. Só lhe apetecia dizer: Pare! Conte-me o que realmente tem sentido! Recostou-se, empurrou o copo para a frente. As pessoas eram assim e não havia nada a fazer. Ou não sabiam o que sentiam acerca de determinada coisa, ou preferiam nunca revelar os seus verdadeiros sentimentos.

E era por isso que tinha saudades de Olive Kitteridge. Pronto, disse para si próprio. Já chega. Calma.

Com determinação, forçou a sua mente a voltar a Betsy. E, então, lembrou-se de uma coisa, e não deixava de ser curioso, lembrar-se disso agora: quando fora operado, muitos anos atrás, para lhe tirarem a vesícula biliar, a sua mulher estivera ao seu lado durante o recobro e, quando ele acordara da anestesia, mais tarde, um doente ao seu lado dissera-lhe: «A sua mulher esteve a olhar para si com tanto amor, fiquei impressionado com a maneira como olhava para si, tão carinhosa.» Jack acreditara nisso; lembrava-se de que o fizera sentir-se um tudo-nada constrangido e, passados anos, a meio de uma discussão, ele trouxera isso à baila e Betsy dissera: «Eu tinha era esperança de que morresse.»

A franqueza dela deixara-o assarapantado. «Tinhas esperança de que eu morresse?» Na sua recordação, abrira os braços de espanto, quando lhe perguntara isso.

E, então, ela respondera, incomodada: «A minha vida teria sido mais fácil.»

Aí estava a verdade.

Ai, Betsy! Betsy, Betsy, Betsy, estragámos tudo... estragámos a nossa oportunidade. Jack não era capaz de identificar o momento em que isso acontecera, mas talvez, na realidade, nunca tivesse havido uma oportunidade. No fim de contas, ela era ela e ele era ele. Na noite de núpcias, ela entregara-se, mas não livremente, como fizera nos meses precedentes. Claro está que ele se lembrava sempre disso. E também porque ela nunca mais se entregara livremente, depois dessa noite, quarenta e três anos atrás.

– Vive em Crosby há quanto tempo? – perguntou o *barman*.

– Seis anos. – Jack passou as pernas para o outro lado do banco alto. – Vivo em Crosby, no Maine, há seis anos.

O *barman* assentiu com a cabeça. Entrou um casal, que se sentou na outra ponta do bar. Eram jovens e a mulher tinha o cabelo comprido e liso, puxado para um dos ombros; uma pessoa confiante. O *barman* foi ter com eles.

Jack deixou a sua mente pousar em Olive Kitteridge. Alta, grande. Meu Deus, era tão estranha. Ele gostara mesmo dela, tinha uma honestidade – seria honestidade? –, enfim, tinha qualquer coisa de especial. Era viúva e salvara-lhe praticamente a vida, ou pelo menos era essa a sensação dele. Tinham ido jantar fora umas poucas vezes, assistido a um concerto; ele beijara-a na boca. Conseguia rir-se disso, agora. A boca de Olive Kitteridge. Era como beijar uma baleia coberta de percebes. Ela tinha um neto que nascera cerca de dois anos antes, Jack não se interessara muito pelo assunto, mas ela sim, porque o miúdo se chamava Henry como o avô, o falecido marido de Olive. Jack sugerira que fosse visitar o pequeno Henry a Nova Iorque e ela respondera que não, não lhe parecia. Vá-se lá saber porquê. As coisas entre ela e o filho não eram as melhores, ele estava a par disso. Mas as coisas também não eram as melhores entre ele e a filha. Tinham isso em comum. Lembrava-se de que Olive lhe contara à partida que o pai se suicidara quando ela tinha trinta anos. Com um tiro, na cozinha. Talvez isso tivesse alguma coisa que ver com o feitio dela; devia ter. E, depois, numa manhã, ela fora lá a casa e, inesperadamente, deitara-se ao lado dele na cama do quarto de hóspedes. Caramba, que alívio ele sentira. O alívio percorrera-o de cima a baixo quando ela pousara a cabeça no seu peito. «Fica», acabara ele por dizer, mas ela levantara-se e dissera que tinha de ir para casa. «Gostava que ficasses», insistira, mas ela fora-se embora. E nunca mais voltara. Quando tentara ligar-lhe, ela não atendera o telefone.

Deu de caras com ela na mercearia, uma vez, só uma, uns dias depois de ela se ter deitado ao seu lado; ele levava

a sua garrafa de uísque nas mãos. «Olive!», exclamara. Ela ficara muito nervosa: o filho, em Nova Iorque, ia ter outro bebé a qualquer momento! «Mas ele não teve um bebé agora?», ripostara Jack, e ela dissera que, enfim, a fulana estava grávida outra vez e só agora é que a avisavam! Olive tinha um neto; para que precisavam eles de mais filhos, se a mulher já tinha outros dois de uma relação anterior? Olive batera nessa tecla pelo menos três vezes. Telefonou-lhe no dia seguinte e o telefone tocou e tocou, e ele percebeu que ela não ligara o atendedor de chamadas. Seria possível? Tudo era possível no caso de Olive. Depreendeu que, provavelmente, finalmente, fora a Nova Iorque ver o tal neto novo, porque, quando lhe telefonou outra vez no dia a seguir, ninguém atendeu. Enviou-lhe um *e-mail* com ????? no assunto. E, depois, sem assunto. Ela também não respondera a esse. E já lá iam mais de três semanas.

O *barman* estava novamente diante de Jack, a preparar as bebidas do casal.

– E você? – disse Jack. – Cresceu por estas bandas?

– Não – respondeu o fulano –, cresci nos arredores de Boston. Vim para cá por causa da minha namorada, que vive aqui. – Lançou ligeiramente a cabeça para trás, afastando o cabelo escuro dos olhos.

Jack fez um gesto de assentimento, bebeu o seu uísque.

– A minha mulher e eu morámos em Cambridge durante anos – disse – e, depois, viemos para cá.

Era capaz de jurar que viu alguma coisa no rosto do *barman*, um sorrisinho trocista, antes de o tipo se virar para levar as bebidas ao casal.

Quando o fulano voltou, disse a Jack:

– Trabalhava em Harvard? Ah, um professor de Harvard¹. – De debaixo do balcão, tirou uma grade com

¹ A prestigiada Universidade de Harvard fica na cidade de Cambridge, no Massachusetts. (*N. da T.*)

copos lavados e começou a pendurá-los – de cabeça para baixo – no suporte por cima de si.

– Limpava casas de banho em Harvard – respondeu Jack. E o idiota olhou para ele bruscamente, para ver se estava a brincar. – Não, não limpava casas de banho. Dava lá aulas.

– Excelente. Quis reformar-se e vir para cá?

Jack nunca quisera reformar-se.

– Quanto é que lhe devo? – perguntou.

*

Enquanto conduzia de regresso a casa, lembrou-se de Schroeder, que paspalho que aquele homem era, um reitor de merda. Quando Elaine entrou com a acção judicial, quando fez uma barbaridade dessas, alegando que não evoluíra na carreira por causa de assédio sexual, Schroeder tornou-se um homem insuportável, bizarro, nem sequer deixava que Jack lhe falasse. O caso está nas mãos dos advogados, dizia. E Jack foi obrigado a meter uma licença sabática. Foram precisos três anos para chegar a acordo, para Elaine receber a sua soma considerável e, por essa altura, já Jack e Betsy se tinham mudado para o Maine; Jack pedira a reforma. Instalaram-se no Maine, porque Betsy assim quis, quis ir para bem longe de Cambridge, e foram mesmo, caramba! Crosby era uma bonita vila costeira que ela pesquisara *online*, e mais longe do que aquilo era difícil, apesar de ficar a poucas horas de distância, mais para norte na costa leste. Mudaram-se para a vila sem conhecerem uma única pessoa, mas Betsy fez novos amigos; era o feitio dela.

Encoste.

Encoste o veículo.

Só ao fim de umas quantas repetições é que Jack prestou atenção a estas palavras; foram proferidas através de

um megafone e o som, diferente do som dos pneus a rodarem no asfalto, desconcertou Jack, que, depois, ficou espantado ao ver as luzes azuis a piscarem e o carro da polícia colado a si. *Encoste o veículo.*

– Céus! – exclamou, em voz alta, e encostou o carro na berma da estrada. Desligou o motor e, baixando os olhos para o chão do lado do passageiro, pousou-os no saco de plástico que continha a garrafa de uísque, comprada numa mercearia mesmo à saída de Portland. Observou o jovem polícia que se aproximava – que convencido de merda ele era, com os seus óculos escuros – e disse:

– Em que posso ajudar?

– Carta de condução e documentos do veículo, se faz favor.

Jack abriu o porta-luvas, encontrou o livrete depois de muito procurar e, no fim, tirou a carta de condução da carteira e entregou os documentos ao polícia.

– O senhor tem noção de que ia a cento e dez quilómetros por hora, quando o limite é noventa? – perguntou-lhe o polícia, e Jack achou que ele o fez com indelicadeza.

– Hum, não, senhor agente, não tinha noção disso. E lamento muito. – Betsy sempre dissera que o sarcasmo era o seu ponto fraco, mas aquele polícia seria incapaz de o detectar.

– Tem noção de que o seu veículo não foi à inspecção?

– Não.

– Devia ter ido à inspecção em Março.

– Ah. – Jack olhou à sua volta, no banco da frente.

– Pois. Eu explico-lhe o que aconteceu. Agora que penso nisso. É que a minha mulher morreu. Ela morreu. – Jack levantou os olhos para o polícia. – Está morta – disse, com ênfase.

– Faça o favor de tirar os óculos escuros.

– Desculpe?

– Mandei-o tirar os óculos escuros. Imediatamente.

Jack tirou os óculos escuros e sorriu para o polícia de forma exagerada.

– Então, tire os seus – retorquiu Jack. – Mostre-me os seus e eu mostro-lhe os meus. – Sorriu para o indivíduo.

Depois de examinar a fotografia da carta de condução de Jack e de a comparar com o rosto dele, o polícia disse:

– Aguarde aqui enquanto vou verificar os seus dados no sistema. – E o polícia voltou para o seu carro, que continuava com as luzes azuis a rodopiar. Falou pelo rádio enquanto se deslocava. Instantes depois, apareceu outro automóvel da polícia, também com as luzes azuis acesas.

– Pediu reforços? – gritou-lhe Jack. – Sou assim tão perigoso?

O segundo polícia saiu do carro e dirigiu-se para Jack. Este homem era enorme e já não ia para novo. Tinha visto muita coisa, era o que dizia a sua maneira de andar, o que diziam os seus olhos, inexpressivos e sem óculos escuros, que isso dos óculos escuros não era para ele.

– O que é que traz no saco? – perguntou o homem enorme, com o seu vozeirão.

– Álcool. Uísque. Quer que lhe mostre?

– Saia do veículo.

Jack levantou os olhos para ele.

– O quê?

O homem enorme deu um passo atrás.

– Saia imediatamente do veículo.

Jack saiu do carro, muito devagar, porque se sentia ofegante.

– Ponha as mãos no tejadilho – ordenou o homem enorme, arrancando uma gargalhada a Jack.

– Não vê que o carro não tem tejadilho? – ripostou.

– Chama-se um descapotável e, neste momento, não tem tejadilho.

– Ponha as mãos no tejadilho – repetiu o polícia.

– Assim? – Jack pôs as mãos na moldura da janela.

– Não saia daqui. – O homem encaminhou-se para o carro que mandara Jack parar e falou com o outro agente, sentado ao volante.

Jack lembrou-se de que, nos tempos que corriam, os carros-patrolha filmavam tudo – lera isso algures – e, de repente, fez um piteiro aos dois automóveis atrás de si. Depois, voltou a pôr as mãos na estrutura da janela.

– Que trampa – disse.

O primeiro polícia saiu do carro e dirigiu-se para Jack, com o coldre a bater-lhe na coxa. Jack, com a pança dependurada e as mãos ridiculamente pousadas na moldura da janela, olhou para o fulano e disse:

– Ei, grande canhão que aí tem.

– O que é que foi isso? – O polícia ficou irritado.

– Eu não disse nada.

– Quer ser detido? – perguntou o polícia. – Gostava de ir preso?

Jack desatou-se a rir e, depois, mordeu o lábio. Abanou a cabeça, pondo os olhos no chão. E o que viu foi um monte de formigas. Tinham sido interrompidas pelo rasto do seu automóvel, e ele observou as formiguinhas que atravessavam uma brecha no solo, pedaço de areia a pedaço de areia, desde o sítio onde os seus pneus tinham esmagado uma série delas, até... até onde? Um novo lugar?

– Vire-se e ponha as mãos no ar – ordenou o polícia e, portanto, Jack, de braços levantados, virou-se e apercebeu-se dos carros que passavam nas portagens. E se alguém o reconhecesse? Ali estava Jack Kennison, de mãos no ar como um criminoso, com dois carros-patrolha e as suas luzes azuis a piscar. – Ouça lá – disse o polícia. Levantou os óculos escuros para esfregar um olho e, nesse breve instante, Jack viu-lhe os olhos e eram estranhos, como os de um peixe. O polícia apontou um dedo a Jack e ficou assim, de dedo espetado, sem dizer nada, como se não se lembrasse do que ia dizer.

Elizabeth Strout dá continuidade à vida de Olive Kitteridge, uma personagem inesquecível, que arrebatou a imaginação de milhões de leitores e mereceu um Prémio Pulitzer.

«Porque via que a sua vida — a sua vida, que conceito tolo e palerma, a sua vida —, que a sua vida era diferente, podia eventualmente ser muito diferente ou não ser nada diferente, e ambas as ideias eram inenarravelmente insuportáveis.»

Que é feito de Olive Kitteridge? Quando soubemos dela pela última vez, acabara de perder o companheiro de toda a vida e tentava encontrar um sentido para os seus dias.

O tempo passa, mas Olive não muda e decide que ainda não é tempo de desistir da vida. Rude, inconveniente e teimosa, na mesma medida em que é honesta e generosa, Olive Kitteridge continua a observar a pequena cidade de Crosby com a sua peculiar combinação de empatia e reserva, mesmo quando ajuda uma mulher a dar à luz num momento absurdamente inoportuno ou consola uma rapariga que tenta aceitar a morte do pai. Olive sabe que os outros podem ser um espelho de nós. E ganha, por fim, coragem para olhar para dentro com a franqueza desarmante que dedica aos demais.

Porque já é tarde para corrigir os erros do passado e a vida não pode esperar, decide agarrar a oportunidade de recomeçar ao lado de Jack Kennison, professor universitário, reformado e viúvo como ela. Ambos suportam a solidão das noites demasiado longas e sentem a falta dos filhos que não souberam manter perto de si. Juntos, tentam agarrar o futuro que sabem ser demasiado breve.

Neste novo livro, a inesquecível Olive continua a surpreender-nos com as suas tiradas, a comover-nos com a sua humanidade e a inspirar-nos a aceitar o mistério e o tumulto da vida, vincando o seu lugar como uma personagem literária mais real que a própria vida.

Um romance magistral e comovente sobre a solidão, o amor, a perda e os recomeços, e sobre a esperança que resiste em tudo isto.



«Strout levou-me a adorar uma mulher que eu não conhecia, de quem nada sabia. É uma escritora magnífica.» ZADIE SMITH, *The Guardian*

UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO

Time ★ *Vogue* ★ *The Washington Post* ★ *Chicago Tribune*
★ *Vanity Fair* ★ *Esquire* ★ *The Guardian* ★ *Evening Standard*
★ *Kirkus Reviews* ★ *Publishers Weekly* ★ *BookPage*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
@ x penguinlivros

ISBN 9789897876141



9 789897 876141 >